

A INFLUÊNCIA DA AUSÊNCIA DA MÃE NA CRIAÇÃO DE UM INDIVÍDUO

Caroline Taube
Ângela Maria Bavaresco

Resumo

INTRODUÇÃO: O presente estudo tem por objetivo geral compreender a influência que as figuras de afeto desempenham nas pessoas baseado na sua criação e desenvolvimento, de acordo com um caso clínico atendido pela estagiária do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), a partir do componente de Estágio Curricular Supervisionado II. Outrossim, se tem por objetivo específico: compreender os impactos resultantes da ausência da figura materna nos seus relacionamentos interpessoais, bem como os sentimentos despertados.

DESENVOLVIMENTO: Em detrimento do sigilo profissional, o caso clínico será discorrido a partir do nome fictício de Mel para referir-se a paciente. Assim, Mel, uma mulher de 22 anos que em determinados atendimentos, dissertou a respeito do processo de relacionar-se com outras pessoas e o quão doloroso isso pode ser, prosseguia ao encontro da sua percepção quanto a figura materna, que é a base da sua construção, entretanto, ao perpassar do seu desenvolvimento, se manteve ausente por tempos consideráveis em virtude do seu comprometimento com o trabalho. Nesse sentido, no princípio, Freud, teria iniciado a investigação científica a respeito dos bebês, evidenciando que suas emoções começam na infância, buscando compreender quais eventos concretizados nos anos iniciais e de que forma eles influenciam na

vida emocional e como estruturam a personalidade adulta, conforme retratado nos estudos de Bowlby (2001). Diante desse olhar, volta-se aos relatos de Mel acerca da sua insegurança quanto a se sentir pertencente aos locais em que costuma frequentar, bem como sentir-se confortável com as pessoas ao seu redor, de modo que procura se encaixar nos padrões dos outros com receio de não ter uma aceitação por ser ela mesma, bem como por uma busca incessante de preenchimento da falta originada no princípio de sua infância. Nesse sentido, pode-se pensar a partir de Bowlby (s.d.), que a separação da figura materna, indiferentemente do tempo que tenha passado, visto que pode ser percebida e sentida de acordo com essa dimensão de tempo distante, bem como a idade em questão, pode ter originado essa falta, que por sua vez, será responsável por ocasionar diferentes causas em respostas a ausência que para além de física, pode ser emocional, como depressão, rejeição, ou preocupações com outros assuntos. Essa separação proporciona a reflexão do que para um adulto pode ser minutos, para uma criança poderá ser horas, com níveis de importância diferentes para ambos, se tornando um desafio estabelecer qual foi o ponto da separação, inicialmente temporária, passou a ser permanente. Assim, o estado de segurança, ansiedade ou angústia de uma criança ou adulto depende, em grande parte, da disponibilidade e da capacidade de resposta da figura de apego principal. Ainda, o perpassar do processo psicoterapêutico foi marcado por falas recorrentes a relacionamentos interpessoais, com sentimentos de raiva, culpa, simultaneamente a uma saudade, e expectativas repletas de desejo por ocupar um lugar de importância e valorização, podendo ser observado através da perspectiva de Bowlby (2001) que, sentir culpa é uma condição básica e indispensável dos seres humanos, uma vez que envolve a tolerância à ambivalência e a aceitação da responsabilidade sobre os sentimentos de amor e ódio, que por sua vez estão ligados com a maneira que a criança irá encontrar para gerenciar esse conflito de modo construtivo baseado no valor dos métodos de criação e seus efeitos, sejam eles positivos, quanto negativos, sobre a habilidade da criança em

desenvolver uma relação saudável com seus próprios sentimentos de amor, ódio, ansiedade e culpa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Em consonância com a teoria de Bowlby (s.d.), é de grande importância que por meio da psicoterapia a(o) psicóloga(o), a paciente olhar para as suas formas de perceber e lidar com pessoas emocionalmente relevantes, incluindo o psicoterapeuta, podem ser influenciadas e por vezes distorcidas, em virtude de experiências que tiveram com seus pais durante a infância e adolescência. Para que isso seja possível, a pessoa necessita revisitar algumas bagagens, visto que algumas dessas influências ainda permaneçam ou se manifestem no presente.

REFERÊNCIAS:

BOWLBY, J. Apego e perda: ansiedade e raiva de separação. Livros básicos. S.d.

BOWLBY, J. Formação e rompimento dos laços afetivos. São Paulo. 2001

carolinetube.ct@gmail.com

angela.bavaresco@unoesc.edu.br